

Haddad descarta o “economês”

São Paulo — O ministro do Planejamento, Paulo Haddad, assumiu de vez a nova postura de estilo pós-tecnocrata e pós-PHD da equipe econômica do governo do presidente Itamar Franco. Neste governo não tem mais vez o economês, segundo explicou na noite de segunda-feira para uma platéia de 700 banqueiros reunidos em jantar de confraternização do setor. Para garantir, por exemplo, que não há chances de novas experiências heterodoxas, Haddad não deixou por menos: “Não haverá invenção de moda, nem malabarismo, de modo que não será na economia que os senhores terão surpresas futuras”.

“1993 começa sem congelamentos, confiscos, tablitas ou invenções de qualquer tipo”, acrescentou. Com simplicidade mineira, Haddad disse que a equipe econômica deve falar a linguagem do povo, aquela que as pessoas entendam sem recorrer ao dicionário. “Estamos conscientes do que deve ser feito”, disse. “O que não temos é bola de cristal para fazer adivinhação, o que temos é bom-senso para seguir as regras de mercado e assim podemos errar menos”.

Haddad lembrou que o presi-

dente Itamar Franco completa 75 dias de exercício do cargo e que neste período muito pouco ou quase nada poderia ser feito para acabar com a pobreza do País. “A menção das dificuldades, porém, não é alibi para justificar a atual administração”, afirmou. “Em 24 horas poderíamos ter confiscado dinheiro da população ou em um pouco mais de tempo congelar preços e criar tablitas, enfim, desorganizar todas as relações contratuais”.

O plano de curto prazo em preparação, segundo Haddad, vai levar em conta a negociação com o Congresso e o diálogo com a sociedade. “As medidas de curto prazo vão envolver também a questão da economia popular, mexer em como o nosso povo está vivendo”, garantiu. Segundo Haddad, o ano que vem será particularmente difícil por causa de vários eventos importantes na área política, como o plebiscito da forma de governo e revisão constitucional: “Neste contexto, a economia precisa funcionar em segurança e por isso não cabe a nós, exclusivamente, ditar o programa de solução dos problemas, mas toda a sociedade.